

**Aldo Antonio Schmitz**

É jornalista, mestrando em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina, professor de Comunicação em cursos de extensão no Instituto Superior de Comunicação e de pós-graduação na Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: [aldoschmitz@gmail.com](mailto:aldoschmitz@gmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3279938336818732>.

**Resenha**

**Introdução geral à pesquisa do jornalismo global** **261**

LÖFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David (Eds.). **Global journalism research: theories, methods, findings, future**. London: Blackwell Publishing, 2008. 304 p.



O livro *Global Journalism Research* oferece abordagens teóricas e metodológicas para o estudo do jornalismo no mundo, traçando as oportunidades e os desafios para a pesquisa em um campo cada vez mais global. Reúne 26 pesquisadores conceituados – sendo nove alemães, cinco norte-americanos e doze de outros países – que contribuem para uma visão mundial em diferentes abordagens, métodos e paradigmas. Igualmente, analisa os impactos da evolução do jornalismo como um fenômeno internacional, a exemplo das redes jornalísticas que rompem as fronteiras nacionais e culturais.

Abordar a pesquisa internacional do jornalismo é, ao mesmo tempo, uma tarefa ambiciosa e um desafio, pois as práticas não são as mesmas em todas as culturas. Por isso, o livro organizado pelos pesquisadores Martin Löffelholz (Alemanha) e David Weaver (EUA) torna-se uma importante obra de referência para os estudos do jornalismo, embora contemple politicamente alguns países em detrimento de outros, deixando, por exemplo, o Brasil, Japão, Rússia e França praticamente à margem deste contexto.

Segundo os editores, a proposta do livro é ser “uma introdução geral à pesquisa do jornalismo global” (p. 286). Já no prefácio, Löffelholz e Weaver defendem que o jornalismo torna-se “cada vez mais

homogêneo na sua estrutura evolutiva de produção de notícias e de normalização e, ao mesmo tempo, que ocorre em culturas completamente distintas”. Assim, os padrões teóricos e metodológicos de pesquisa acadêmica configuram-se cada vez mais universais, permitindo aos pesquisadores analisar as práticas do jornalismo de forma global.

No entanto, esse processo de homogeneização é certamente fruto da convergência do modelo liberal de jornalismo praticado nos Estados Unidos e Europa Ocidental, que na era da globalização torna-se um “padrão global” para os produtos, processos e procedimentos jornalísticos no restante do mundo. Assim, as definições, suposições e perspectivas partem de um modelo globalizado. Isso, por um lado, facilita os estudos de teorias e métodos, por outro, pode levar à miopia de uma visão das particularidades do jornalismo em cada sociedade.

A política também está presente no mundo da pesquisa acadêmica. Isso fica claro nesta obra. Assim, os jornalismo da América Latina, África e Ásia ganham capítulos de consolo em nome do “global” e não por sua importância no contexto internacional, com raras exceções. Será que o México é parâmetro para o jornalismo de toda a América Latina? Mas não faltam referências ao jornalismo norte-americano, britânico e alemão como indicadores de padrões da pesquisa internacional, embora sejam a vanguarda das pesquisas neste campo.

Os paradigmas regionais do jornalismo são abordados pela mexicana María Ramírez e o alemão Andres Schwarz (América Latina), Arnold de Beer (África), Zhondang Pan, Joseph Chan e Ven-hwei Lo (Grande China), Siegfried Weischenber e Maja

Mailik (Alemanha), Jane Singer (EUA), Karin Wahl-Jorgensen e Bob Franklin (Grã-Bretanha). As teorias são tratadas por Wolfgang Donsbach, Manfred Rühl, Klaus-Dieter Altemeppen, Gertrude Robinson e John Hartley. Quanto aos métodos, o livro apresenta as técnicas de jornalismo comparado (Thomas Hanitzsch), *survey* (David Weaver), análise de conteúdo (Christian Kolmer) e observação (Thorsten Quandt). O ensino do jornalismo é tema de Ari Heinonen, Mark Deuze, Barbie Zelizer e Stephen Reese.

Um dos capítulos é assinado por John Hartley, da Universidade de Queensland. Defensor do conceito de indústria cultural e criativa, ele tenta imputar ao jornalismo a responsabilidade pela defesa dos direitos humanos, recorrendo ao artigo 19 da Declaração Universal, assim como Walter Lippmann fez recair sobre o jornalismo a defesa da democracia, em 1922. Mas, o pós-moderno Hartley vai além, ao argumentar que “todo mundo é jornalista”, numa afronta à constituição do jornalismo como uma profissão especializada.

Löffelholz faz uma análise sobre as diferenças políticas, econômicas, tecnológicas e culturais que influenciam a prática do jornalismo em sociedades como Brasil, China, Grã-Bretanha, Quênia, México, Filipinas, África do Sul e Estados Unidos. Reconhece que há uma pluralidade heterogênea e multidirecional. Faz uma abordagem geral para indicar uma complexidade de teorias e métodos que transformam os velhos conceitos e indica um esquema básico das novas concepções do jornalismo: normativo individual, análise empírica, teorias de ação e sistêmica, além de estudos de integração social e cultural.

Na contracapa, um dos criadores da teoria do *agenda setting*, Maxwell McCombs, da Universidade

do Texas, comenta que *Global Journalism Research* avança para a expansão de uma nova era na investigação criativa de métodos e teorias do jornalismo. Efetivamente, os ensaios do livro estabelecem uma dimensão avançada das pesquisas nos principais centros de pesquisas do mundo, embora não contemple alguns países representativos na prática e nos estudos jornalísticos.

Stephen D. Reese, da Universidade do Texas, amplia esta questão ao considerar que a pesquisa em jornalismo “deve enfrentar o fenômeno da globalização em si” (p. 240), pois ela transcende as fronteiras nacionais e estabelece novos espaços culturais onde se articulam às lógicas internacionais. Confirma que os principais estudos da sociologia da mídia são realizados nos Estados Unidos e Grã-Bretanha, com a intenção de generalizar para o restante do mundo. Ele considera a globalização uma espécie de “McDonaldisação” da cultura mundial, que apaga as diferenças nacionais e regionais. Essa visão anglo-americana de irradiar conteúdos liberais para o mundo mistura as coisas e os indivíduos.

Aliás, Reese defende que “nenhuma prática da mídia escapou das mudanças da globalização” (p. 241). Dentro da nova geografia social, ele sugere três análises: a *arena global de notícias*, pelo alcance, interconexão e virtualidade em tempo real das notícias; jornalismo, como *prática e comunidade interpretativa*; e, a terceira, a *identificação profissional*, com normas e valores comuns na maioria dos países. Para ele, a globalização aprimorou o exercício do jornalismo e por isso é difícil realizar um estudo exato, mas “temos que ser criativos ao estudar novos casos, concepções, pesquisas empíricas e nas questões apropriadas à era global” (p. 251).

Na visão dos organizadores da obra, a pesquisa em jornalismo não está restrita às instituições tradicionais nem à geografia, tampouco às disciplinas nos estudos deste campo, mas à prática do jornalismo cada vez mais globalizada e que transcende as fronteiras nacionais e culturais. Recomendam que as teorias usadas para explicar o jornalismo não se restrinjam a um único nível de análise e aconselham os métodos combinados, sempre que possível, no ensino do jornalismo, de forma interdisciplinar com a sociologia, história, linguística, ciências políticas e estudos culturais, para se ter uma compreensão abrangente da complexidade do jornalismo, como defende Zelizer (p. 253-266).

O livro atesta um aumento da qualidade na prática mundial do jornalismo e afirma que é possível discutir as questões acadêmicas em âmbito internacional, mas é igualmente difícil pela complexidade global da pesquisa neste campo, em especial pela diversidade social e cultural. Nesta perspectiva, a obra embrenha-se em uma tarefa ambiciosa, notadamente pela multiplicidade de fatores, relacionados principalmente ao número crescente de meios de comunicação e formas de atuação jornalística, com a interferência cada vez maior do público.

Se a globalização é uma realidade econômica, pode-se considerar que o jornalismo, em diversos graus, também se tornou globalizado, em virtude da “arena global de notícias”, como aponta Reese (p. 241), alertando que, para se compreender o jornalismo global, é preciso ir além da prática jornalística em diversos países. Ademais, ficam os alertas dos estudiosos, autores dos 22 ensaios, de que a pesquisa sobre o jornalismo é uma realidade global nas teorias, métodos, perspectivas e tendências.